

ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE

CONTOS E POEMAS SOBRE O ALÉM

SELO CONEXÃO LITERATURA



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

**Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura**

ISBN: 978-65-01-45182-4

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- CONSELHO DE UM HOMEM NO INFERNO, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 05
O DESPERTAR DE UM CORAÇÃO ENDURECIDO, POR ALDEMIR B. OLIVEIRA-FILHO, PÁG. 10
COMO NASCEM OS GUARDIÕES, POR ANDRÉ SAGA, PÁG. 14
OLHOS DE FOGO, POR ANDRÉ SAGA, PÁG. 20
UMA QUINTA-FEIRA QUALQUER, POR CLAUDIO VENTURA, PÁG. 25
NÃO OLHE PARA TRÁS, POR DANIELA STRASSBURGER, PÁG. 29
TEIÚ AÇU - AIMBERÊ, POR FLAVIO JOPERT, PÁG. 32
O PORTAL MISTERIOSO, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 35
PARA ALÉM DA CHUVA DE OUTONO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 37
ALÉM DAS NOTÍCIAS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 42
IMITAÇÕES, POR SELMA LUANNY, PÁG. 44
BARREIRA OPACA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 46
AVENTURAR-SE... IMAGINAÇÃO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 48
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 50

ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE

CONTOS E POEMAS SOBRE O ALÉM

SELO CONEXÃO LITERATURA

APRESENTAMOS O POEMA

Conselho de um homem no inferno

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura e à escrita, sendo autora de diversos poemas, crônicas e contos publicados. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.



Despertei — insano lugar de calor,
Sob um céu que ardia em azul e brasa.
O ar calava todo e qualquer rumor,
E surgiu um portal na visão escassa.

Meus pés não tocavam aquele chão,
Deixavam marcas que ninguém seguia.

Ao redor, suspiros e oração
Uniam-se à noite que os escondia.

Atravessar — pensei — é renascer,
Mas de quê, se em mim ainda a vida pulsa?
Não havia nem dor, tampouco prazer,
Apenas um eco que a alma convulsa.

Do lado de lá, não havia mais tempo,
Só relances de tudo que fui.
De cá, flutuavam no firmamento
Rostos que sorriam fingindo luz.

Eu caminhei entre torres de cristal
E árvores com folhas rubras, fogo.
Cada passo revelava um sinal,
Cada pista deixava-me mais oco.

Vi anjos sem asas, com olhos de fel,
Demônios choravam como crianças.
Um céu cheio de portas de bordel,

Um abismo como cruéis lembranças.

Bem ali, as coisas não eram mais iguais:

Era uma prisão de paz disfarçada.

Eu vi meus santos dançando em rituais

Com sombras que vestiam alvorada.

Brilhava o portal bem atrás de mim,

Mas na minha frente — alguém de vermelho.

Deveria seguir até o fim

Ou voltar logo pelo mesmo trilho?

Senti no meu peito um nó a apertar,

Um desejo louco de regressar.

Mas algo me compelia a avançar,

Como se fosse ao fim caminhar.

O chão tremia abaixo dos meus pés,

E o céu, decerto, tinha duas faces.

Um lado ofertava paz e cafés,

O outro, mal travestido de disfarces.

O meu nome ouvi de longe chamar,

Com a voz de alguém que já me deixou.

Era doce, mas me fez hesitar,

Temi saber quem a pronunciou.

O que fiz? — eu perguntei ao vazio,

Mas ele só me oferecia espelhos.

Vi-me criança, jovem, velho, feio,
E fragmentos dos antigos conselhos.

Pobre eu, no fim da estrada de mim mesmo.
Voltar? Não. Sem escolhas — era o jogo.
Não há apelos e socorros no abismo,
Nem grandiosas promessas no fogo.

Alguém me sussurrou: “*Você morreu*”,
Outro disse: “*Acorda, é só um sonho*”.
O que é o real? — Peito temeu...
A resposta do ser de olhar estranho.

Altas vozes cresceram em tumulto,
Falavam línguas que eu talvez sabia.
Tudo era claro, mas também oculto:
Pesadelo em veste de poesia.

Eu, sim, tive vontade de correr,
Mas onde há fuga numa esfera assim?
Como tentar ousar retroceder
Se eu já não lembrava nada de mim?

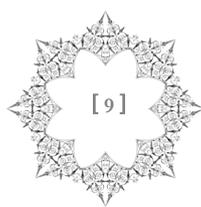
De joelhos, eu clamei sem sentido,
Mas só o silêncio me respondeu.
Fantasmas assombravam com castigo
A ideia de que um homem pereceu.

Leitor, se você chegou ao final,

Eu te dou um aviso sem pretensão:
Se chamarem seu nome num portal,
Não vá sem legítima convicção.

Pois há várias portas que não têm volta,
E caminhos tortos são de ninguém.
Há paz que afoga, e guerra que derrota.
Não ignore as crenças ditas sobre o além.

E se, em silêncio, tua alma se esvai
Na alvorada ou mesmo no anoitecer,
Lembre-se: quem sabe para onde vai
Carrega em si o presente de viver!



APRESENTAMOS O CONTO

O despertar de um coração endurecido

Por Aldemir B. Oliveira-Filho

Aldemir B. Oliveira-Filho reside no município de Bragança, litoral da Amazônia. Ele é professor, espírita e desenvolve pesquisas e ações de cuidado, prevenção e promoção da saúde dos seres vivos.



Ricardo sempre riu da ideia de vida após a morte. "Quando acaba, acaba", dizia, enquanto fechava mais um negócio duvidoso, ignorando os colegas que havia prejudicado. Morreu como viveu: sozinho, num apartamento luxuoso, vítima de um ataque cardíaco após mais uma noite de excessos.

Quando abriu os olhos, esperava o nada. Em vez disso, viu-se em um quarto escuro, semelhante ao seu, mas com paredes sombrias.

— Onde estou? - tentou gritar, mas sua voz não saiu. Apenas um eco mental respondeu:

— No umbral, meu irmão.

Um homem de semblante calmo surgiu diante dele, vestindo uma túnica simples.

— Quem é você? — pensou Ricardo, assustado.

— Sou Marcos. Ajudo os que chegam aqui perdidos, como você.

— Isso é um pesadelo!

Marcos sorriu com pena.

— Não, Ricardo. Seu corpo morreu. Mas, infelizmente, ainda trouxe consigo o orgulho e outros excessos que carregava em vida.

Nos "dias" seguintes, se é que o tempo existia ali, Ricardo enfrentou o peso de suas ações passadas. Sem corpo, mas com uma consciência aguçada, via cenas de sua vida passarem como um filme: a secretária que humilhara, o sócio que traíra, a família que abandonara. Cada memória doía como uma ferida aberta.

Pior que a dor, era a solidão. Naquele local, agora amplo, sombrio e tenebroso, espíritos sofridos vagavam naquela névoa eterna, alguns gemendo, outros repetindo gestos obsessivos — um bêbado ainda "bebria" ar e um avaro contava moedas imaginárias. Ricardo tentou ignorá-los, mas uma sede insuportável o consumia: falta de luz, de paz, de algo que nem ele entendia.

— Por que isso está acontecendo comigo? — questionou Ricardo.

— Você está colhendo o que plantou. Isso aqui não é castigo, mas reflexo. Quem vive no egoísmo aqui se vê envolto em sua própria escuridão.

Ninguém sabe quanto tempo se passou, talvez meses, anos... até que uma claridade suave rompeu a névoa. Espíritos vestidos de branco adentraram a região,

estendendo as mãos aos sofredores que sentiam arrependimento sincero, vontade de se regenerar e reparar seus erros, e auxiliados pelas preces que aliviavam os sofrimentos deles.

Um espírito de aparência jovem se aproximou de Ricardo:

— Você quer sair daqui?

Ele hesitou. A escuridão era horrível, mas familiar.

— Para onde?

— Para a colônia "Nova Esperança". Lá, você poderá se equilibrar e buscar a cura, a paz.

Com um último olhar para o vazio que chamava de "casa", Ricardo aceitou a mão estendida.

A colônia era semelhante a uma vila serena: casas simples, jardins floridos, espíritos ocupados em tarefas harmoniosas. Não havia dinheiro, hierarquias ou mentiras — apenas trabalho e aprendizado.

Sua mentora, Clara, explicou:

— Aqui, você refletirá sobre suas escolhas e se preparará para um novo recomeço.

No início, Ricardo resistiu. Nas aulas sobre amor ao próximo, revirava os olhos:

— Por que devo me importar com quem não me importei em vida?

O instrutor, um velho sábio chamado Tobias, respondeu:

— Porque todos somos um. Ferir o outro é ferir a si.

Aos poucos, Ricardo começou a participar de tarefas simples: ajudar espíritos recém-chegados e cuidar dos jardins. Um dia, ao consolar uma pessoa que tirou a própria vida na última encarnação, sentiu algo estranho — uma centelha de calor. Era a primeira vez que ajudava alguém sem interesse.

Após muitos anos de aprendizado, Clara o chamou:

— Ricardo, você progrediu, mas ainda precisa reparar seus erros. Os mentores sugerem uma nova encarnação.

— Voltar à Terra? — seu orgulho resistia.

— Sim. Desta vez, em condições humildes. Nascerá em uma família pobre, terá saúde frágil e aprenderá a depender dos outros.

— E se eu falhar novamente?

— Querido Ricardo, a vida é uma escola. Se não aprender agora, poderá tentar novamente. Meu amigo Emmanuel diz que “o tempo é o campo da experiência e a eternidade, o da colheita”. Por isso, reconheça a luz dentro de você, acolha com coragem as lições que a vida lhe traz e transforme cada passo em oportunidade de renovação. Nosso guia e modelo é Jesus! Logo, reencarne e pratique o bem como Ele.

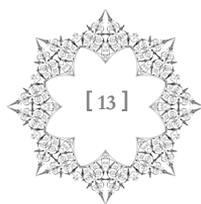
Na sala de planejamento, mentores do plano espiritual traçaram seu caminho:

— Você nascerá na Amazônia, filho de uma lavadeira. Passará dificuldades econômicas e será discriminado, mas terá oportunidades de ajudar os outros. Lembre-se: o importante não é o sofrimento, mas o que você faz com ele.

Ao reencarnar num novo corpo, suas memórias serão apagadas, mas um fio de luz permanecerá em sua alma.

E, em algum lugar do norte do Brasil, um bebê chorou ao nascer.

Desta vez, talvez, ele escolhesse diferente.



APRESENTAMOS O CONTO

Como nascem os guardiões

Por André Saga

Apassionado pelas aventuras do Tio Patinhas e vivendo em uma cidade mineira cercada por exuberantes paisagens onde costumava fazer explorações, André Saga cresceu reproduzindo no papel todos os seus sonhos. Na adolescência passou a escrever roteiros para teatro onde também interpretava alguns personagens, depois de anos se graduou em Letras e deixou o Brasil. Vivendo na Irlanda passou a trabalhar como figurante para filmes e séries e atualmente está concluindo uma nova graduação e se preparando para um mestrado.



Janelas ovais com bordas bem detalhadas em camadas sobrepostas deixavam a luz solar inundar um auditório onde cerca de cem pessoas ou mais se encontravam sentadas, estavam sobre a vigilância de um homem de meia idade em traje azul claro cujos olhos negros emoldurado pela barba volumosa e cabelo alinhado assinalavam certa autoridade. Nomes eram chamados, sozinhos ou em pares figuras se erguiam e seguiam para o palco onde aquele homem os conduziria para uma entrada lateral na qual permaneciam por tempo incerto e retornavam em prantos ou até mesmo carregados em uma maca. Cabeças cobertas por chapéus, lenços, penteados elaborados ou simplesmente descobertas estavam cabisbaixas, um silêncio pesado pairava naquele ambiente iluminado e fresco dominado por uma fragância suave de uma primavera celestial.

Algumas cabeças se ergueram quando um homem saiu da sala sobre o apoio de dois enfermeiros mal conseguindo coordenar os passos estando seu rosto transfigurado em uma gravidade na qual seus olhos estavam perdidos tal como uma embarcação na tempestade. Conforme ele era conduzido pelo corredor central até a saída o vigilante anunciou o nome do próximo candidato:

— Senhor Charles Smith!

Ao fundo um homem de idade avançada levantou-se com o auxílio de uma jovem mulher que trajada como uma enfermeira exibia longos cabelos negros emoldurando seu semblante engolfado em profunda dor. Ela auxiliou o homem que parecia temer os próprios passos, sua figura desfilou pelo corredor sem que ninguém lhe desse muita atenção como acontecia normalmente com os que estavam entrando. Ambos subiram os poucos degraus e aquele homem ali presente sorriu amigavelmente para a enfermeira.

A porta pela qual adentraram os conduziram a um pequeno corredor intermediário para acessarem uma espaçosa sala onde enfermeiros se encontravam no entorno de uma mesa ocupada por um homem jovem cujo semblante fino e compenetrado emitia uma suave luz dourada. A enfermeira acomodou o homem em uma poltrona e sentou-se ao lado, cabisbaixa, era possível ler em seu semblante e nas linhas de sua pele clara que carregava uma estranha e oculta preocupação que estava prestes a ser esmiuçada naquela ocasião.

— Seja bem vindo senhor Charles Smith, estivemos o aguardando nestes últimos trinta anos. Seja bem vinda novamente Helena Wood, vejo que sua paciência e resignação lhe conferiu novas qualidades morais que serão de grande uso para este momento.

A enfermeira de nome Helena sorriu constrangida enquanto gesticulava suavemente com a cabeça e sua mão se agarrava nervosamente no braço esquerdo de Charles que por sua vez olhava tudo com notável confusão e incerteza sobre o que lhe aguardava naquela espécie de julgamento.

— Charles, como bem sabe o senhor agora se encontra na vida eterna como Helena deve o ter informado após ser resgatado dos tormentos em que sua mente lhe envolveu logo após o desenlace do corpo. Uma vez mais vocês estão reunidos, agora não mais nos atarefados e turbulentos cenários da vida terrena que dividiram na Londres com suas deslumbrantes invenções reunindo homens para discutirem os rumos da humanidade ou deliciosas tardes nos parques onde poderiam se agrupar para a leitura dos poemas que expressavam as emoções do momento em que estavam encarnados. Agora vocês se encontram na natureza de todas as coisas, a vida maior. — informou o homem — Pode me chamar de irmão Heitor, cabe a mim lhe esclarecer sobre o passado de ambos e a sorte desenhada no futuro.

Charles ergueu abruptamente a cabeça e com os olhos vertendo profusas e ardentes lágrimas clamou:

— Não me condene ao inferno, Senhor, eu jamais pensei que poderia algum dia reencontrar Helena após o desfecho tumultuado das águas que consumiram sua alegria, sua força, toda sua graciosidade! — e olhando sua companheira Charles soluçou — Talvez eu nunca devesse ter entrado naquele teatro e estando você livre de mim não teria sofrido as desventuras que lhe conduziram ao tumulto antes de mim!

Heitor interveio com um tom moderado e consolador:

— Acalma-se, Charles, mesmo que você por iniciativa própria tivesse mudado sua trajetória naquela tarde, cedo ou tarde teria encontrado-se com Helena, pois vocês são amantes de séculos sobre este planeta... O amor verdadeiro, a família e as amizades não são sementes que se plantam ontem, a vida não dá saltos assim como os mais coesos ecossistemas não se formaram de uma noite para o alvorecer seguinte. Nós, almas imortais, estreitamos nossos relacionamentos através dos séculos neste planeta ou em outros de forma que estamos sempre cercados por aqueles com os quais desenvolvemos sincera afinidade. Desta forma não importa se não fosse naquele momento ou séculos a

frente, vocês sempre estarão destinados a se reencontrarem em razão do amor que desenvolveram.

As lágrimas de Charles pingavam sobre sua camisa branca, embora não compreendesse a dimensão daquelas palavras sentia o peso e importância delas reverberando como uma melodia em sua essência imortal. Suas mãos enrugadas tremiam, seus pensamentos procuravam assimilar tudo com o máximo de clareza possível e reorganizava as palavras para tentar formular alguma pergunta coesa para aquele homem que se mostrava tão superior ao seu entendimento...

— Meu senhor, e agora? Se o que estou sentindo é vida e ela ainda persiste em mim poderei viver com Helena? Embora tenhamos idades totalmente diferentes nesta ocasião eu gostaria de poder viver em paz com ela e a fazer sorrir para dissipar os resquícios da dor que ainda vejo...

Helena sorriu, lágrimas deslizaram pelas linhas de seu rosto, Heitor pediu as mãos de Charles e segurando-as com um carinho quase que paternal argumentou com uma firmeza inabalável:

— Por enquanto aquiete seu coração, Charles, não se revire no insucesso do qual ambos saíram da última existência terrena. Agora é hora de olhar para o futuro e quando estiver com a consciência equilibrada o seu corpo espiritual irá reassumir a forma que melhor desejar, saiba que o tempo tem diferentes efeitos para o corpo e para o espírito. Embora a finalidade seja a mesma, o refinamento da educação moral de forma que devemos sempre olhar com entusiasmo para o futuro onde se desenrolam novas oportunidades de aprendizado.

Helena abruptamente havia pensado em algo e desesperou-se ao sentir que seu pensamento havia sido capturado pelos demais presentes na sala que lhe olharam discretamente, assim como Heitor que em ocasião anterior já havia lhe revelado que podia ler os pensamentos dos recém chegados dos compromissos da Terra.... Ele então olhou cordialmente para a jovem e então os advertiu expressamente:

— Se planejam viver juntos novamente saibam que precisam assumir novos compromissos antes de consumirem tal ambição, desta vez separadamente para que a ambição não se transforme em loucura, pois na vida que deixaram não souberam ponderar as ações e o amor que deveria lhes coroar o espírito em nobreza os cegou e tentaram atropelar os designios celestes que são pautados na paciência.

Charles muito confuso olhou sua companheira em busca de algum esclarecimento, ela precipitou-se a levantar-se agitada, seus lábios tremiam, ela queria dizer algo que estava preso em sua garganta, mas uma força íntima lhe impedia e seu corpo estremeceu ao ouvir a sentença dada:

— Charles vai regressar ao mundo da carne onde irá levar o compromisso de trabalhar no campo da comunicação e você ficará aqui para prosseguir com seus estudos.

Desabando sobre a cadeira Helena entregou-se a um pranto desesperado, Charles tentou lhe acalmar, confuso, olhando para ela e Heitor tentando entender a sorte que lhe fora imputada, sentia-se impotente e apavorado. Um enfermeiro no canto esquerdo observou sutilmente:

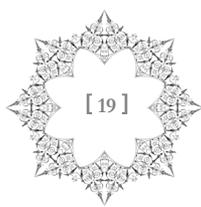
— Irmão Heitor talvez não seja prudente os separar completamente. Helena tem mostrado grande inclinação com os deveres ao qual se fez voluntária e acredito que haja possibilidade de os manterem juntos, dentro de seus merecimentos sem alterar o que está reservado para o destino de ambos... desta forma ambos não irão acabar se sabotando...

Heitor levantou-se e pediu para que os enfermeiros levassem o casal para a enfermaria e cuidassem deles adequadamente ao passo que cruzou os braços e se entregou a uma longa reflexão sobre o que lhe foi sugerido de forma que a manifestação de seu pensamento alcançou outras esferas daquele local onde consciências superiores se alinhavam pelo magnetismo das delicadas ondas do éter.

As luzes de uma rua silenciosa coroavam uma figura cabisbaixa e cansada que caminhava por uma calçada onde rachaduras permitiam que algum tipo de vegetação proliferasse. Um portão fora aberto e escadas deram acesso a um patio largo onde muitas árvores se alinhavam com seus galhos que serviam de abrigo para alguns poucos veículos estacionados. Uma escada espiral conduziu aquela figura até um corredor na qual uma chave abriu uma porta e assim acessou um apartamento para repousar logo após um banho e uma breve refeição. De braços sobre a mesa os olhos espiaram as horas no aparelho celular, era quase meia noite e em sua solidão habitual de anos suspirou cansado por estar enfrentando toda sorte de dificuldades sozinho. Porém, sentando-se na outra cadeira estava uma figura feminina que pacientemente e amorosamente o observava fazer sua refeição. Após escovar os dentes e sentar-se ao leito ela adentrou ao quarto e ficou olhando com ternura enquanto ele arrumava o leito para então se deitar e deixar os olhos se perderem na escuridão do quarto enquanto ela sentava-se na cadeira que geralmente ficava ao lado do leito. Enquanto aquele homem ficava acordado aguardando o sono lhe

retirar daquela existência solitária e amarga, as mãos delicadas e invisíveis daquela mulher deslizavam suavemente sobre seu rosto. Ela sorria entristecida e entre lágrimas sua voz expressava gratidão em um murmúrio doloroso:

— Obrigada, Deus, por me permitir ser o anjo guardião de meu amado Charles.



APRESENTAMOS O CONTO

Olhos de fogo

Por André Saga

Apixonado pelas aventuras do Tio Patinhas e vivendo em uma cidade mineira cercada por exuberantes paisagens onde costumava fazer explorações, André Saga cresceu reproduzindo no papel todos os seus sonhos. Na adolescência passou a escrever roteiros para teatro onde também interpretava alguns personagens, depois de anos se graduou em Letras e deixou o Brasil. Vivendo na Irlanda passou a trabalhar como figurante para filmes e séries e atualmente está concluindo uma nova graduação e se preparando para um mestrado.



Pessoas se acotovelavam diante de uma barraca de jornal onde mãos ávidas apanhavam exemplares em uma clara e acalorada disputa com algum outro membro da multidão enquanto outras figuras compartilhavam alguma página rasgada. Não muito distante também haviam aqueles que se reuniam em estabelecimentos para ouvirem por intermédio do rádio as notícias mais recentes sobre a guerra enquanto olhares preocupados se cruzavam e mãos tremulas se enlaçavam em orações.

Na agitação daquela rua cujos prédios centenários já haviam servido de conflitos para eventos de proporções devastadoras em séculos passados um grupo de pouco mais de dez visitantes do planeta Vênus caminhavam por entre os transeuntes que não lhes percebiam a presença, mas inevitavelmente acabavam sofrendo alguma influência indireta das vibrações daqueles seres, vibrações tão delicadas que provocavam uma sensação de profunda paz e serenidade.

Esguios e belos possuíam muita similaridade com o modelo corporal da Terra, porém, já haviam abandonado as vaidades, vícios e extravagâncias do ego que busca externalizar seus caprichos por meio de adereços visuais. A simplicidade de seus longos trajes alvos, celeste, e magenta causavam um contraste profundo contra os históricos prédios cinzentos conforme avançavam ouvindo um preletor narrar os muitos eventos que haviam acontecido no que era chamado de o velho mundo e dos muitos eventos narrados ouvia-se pontualmente a palavra *Guerra* repetidamente. No final do grupo havia uma Venusiana cujos olhos vulcânicos observavam tudo atentamente, era a primeira vez naquele planeta ao passo que outros em seu grupo eram almas oriundas daquele local por onde caminhavam. Tratavam-se de almas que duramente alcançaram um padrão superior de vibração e puderam ser admitidas em um orbe superior. A isolada Terra, mundo de intensos tumultos acolhendo habitantes que pensavam estarem sozinhos no universo, porém, o grau de perigo que os mesmos representavam por suas constantes guerras e aprimoramento bélico eram as razões pelas quais encontravam-se isolados em uma dimensão que lhes causava a sensação de isolamento que ao invés de lhes provocarem uma auto reflexão mais serena voltada para Deus, os conduzia ao infeliz pensamento vaidoso de que sejam os únicos seres racionais em um universo vasto e desconhecido os esperando para ser explorado.

Hadelen observava discretamente a aura de alguns passantes, este campo vibracional que todos os seres possuem e que naturalmente transborda do espírito

irrompendo para o espaço externo colorindo o entorno da figura humana revelava a frequência em que o indivíduo estaria mediante as influências de seu próprio pensamento. Os pensamentos projetavam telas mentais onde seus tormentos e felicidades se encontravam desnudos. Por meio destas telas era possível compreender suas dores uma vez que compreender seu linguajar muito rudimentar se tornava uma tarefa árdua para os visitantes. Embora muitas daquelas almas encarnadas estivessem emanando pensamentos virulentos que contaminavam o ambiente a torna-lo denso e propenso a acontecimentos desagradáveis, haviam alguns transeuntes que se destacavam por emitir uma aura de proporção quase celestial ostentando

pensamentos sóbrios e equilibrados. Estes que se destacavam na multidão eram almas de planetas mais avançados que pediram por uma encarnação no planeta Terra com a finalidade de trazerem contribuições no campo das artes ou educação, desta forma poderiam contribuir com o esforço de retirar aquele mundo da exclusão em que se encontrava perante seus pares no sistema solar.

Quando o grupo de visitantes se aglomerou em uma feira de rua observaram que os Terrícolas vendiam carne de animais, eles se entreolharam em um consenso de notável desaprovação, pois o ato bárbaro de consumir os pares evolutivos já havia sido abandonado por eles em uma contagem de tempo que os humanos jamais compreenderiam. Mas, os Venusianos respeitavam e compreendiam o quanto aqueles seres ainda eram primitivos, embora os próprios já estivessem vivendo tempos que denominavam como modernos. Hadelen observou um embrulho nas mãos de uma jovem mulher que ainda emitia as pesadas vibrações causadas pelo abate, aquilo lhe perturbou e virando-se para outra direção sentiu-se atraída por uma figura que estava parada diante da porta de um prédio em diálogo com alguém de notável idade avançada para em sequência muito rapidamente adentrar em uma porta. A Venusiana estranhamente sentiu-se energéticamente atraída aos rastros luminosos que o rapaz havia deixado e não resistindo o seguiu e ao adentrar no prédio a sua presença causou tumulto em espíritos desencarnados que alí residiam e organizavam suas seitas vampíricas. Eles surgiam pelos corredores e escadas e lançavam olhares agressivos contra a visitante, resmungavam e blasfemavam coisas, seus pensamentos eram totalmente desinibidos e Hadelen conseguia ver cenas de promiscuidade, abusos e corrupção...

Os rastros conduziram a visitante até um apartamento onde aquele jovem Terrícola se encontrava perante o leito de uma mulher visivelmente adoecida, sua voz era sempre

precedida por uma tosse carregada de uma essência viscosa gerada pela enfermidade que lhe castigava o corpo. Naquele ambiente muito modesto adentrou outro Venusiano que estava procurando pela desgarrada e lhe advertindo sobre sua súbita separação do grupo lhe informou que todos estavam a aguardando para partir. Porém, ela disse que não poderia partir, uma vez que sentia que aquele Terricola tinha algo em sua energia que lhe causava uma intensa e comovente atração. O Venusiano que se chamava Thalnor tinha olhos oceânicos e cruzando os braços indagou o que estava acontecendo naquela residência, então se aproximaram do leito e constataram que havia sofrimento e desesperança pairando no ar.

Thalnor observou atentamente o espírito daquela mulher enferma e constatou que suas energias vitais estavam rapidamente se esgotando na luta contra uma doença em seu organismo. Caminhando pelos poucos cômodos notava-se que as janelas e portas estavam desprotegidas e alguns espíritos estavam tendo acesso para sugar as energias daquela criatura adoecida. Hadelen indagou se poderia curar aquela mulher, selar o local e se juntar aos demais posteriormente e seu parceiro lhe observou pacientemente a suspirar pensativo para por fim assentir com a cabeça, retirando-se de imediato para comunicar seus parceiros. A Venusiana retornou ao leito e olhou o rapaz desolado que emanava vibrações tão desordenadas que o quadro lhe causava compaixão, simpatia e isto lhe balançava suas emoções mais profundas fazendo lágrimas cristalinas desabrocharem de seus olhos vulcânicos.

— Helyela! Governadora de nosso amado planeta eu lhe suplico que possa intermediar meus pensamentos para que os mesmos sejam ouvidos pelo Governador deste mundo, Jesus, que ele possa me conceder a permissão de levar cura para esta sua ovelha! — clamou Hadele em uma fervorosa prece.

E com as mãos sobre a mulher ela penetrou sua consciência e espalhou por todo seu campo vibratório disparos energéticos que causaram um instantâneo e profundo torpor que embalou a enferma em um sono suave. O breve adormecer facilitou a retirada do espírito que tal como seu corpo se encontrava adormecido e assim suavemente pairando no ar Hadele analisou o cordão astral de prata e os demais ligamentos onde a matéria grosseira e éterea se conectavam. Fora aplicado energias de cura eliminando focos de densidade negativa e após doar parte de sua vitalidade para renovar alguns órgãos prejudicados um sorriso sereno desabrochou naquele rosto de cera. Quando terminado ela cuidadosamente devolveu a mulher ao seu corpo e lhe despertando com uma voz

amistosa sussurrou em seu ouvido para que pedisse água, o elemento vital para aquelas criaturas. Então o rapaz, seu filho, lhe trouxe uma caneca e enquanto cuidadosamente sentava sua mãe ao leito a Venusiana aproveitou o momento para aplicar mais elementos de cura no líquido...

Com a cirurgia feita Hadele selou aquele humilde lar para que os espíritos inferiores não pudessem mais invadir o local. Sua missão estava concluída e estranhamente ela sentia uma emoção que por compreender a extensão da vida em suas fases na carne e no étereo já não sentia mais... ela sentia-se triste por deixar aquele homem e quando notou que ele jogou-se ao sofá e adormeceu profundamente, ela aproximou-se cuidadosamente e observou que seus lábios tinham um sorriso tranquilo e sua alma agora vibrava em maior harmonia ao testemunhar que sua mãe subitamente havia apresentado uma melhoria significativa. Ao perceber que o espírito do rapaz estava para sair ela se afastou para não o assustar, porém isto fora inevitável e ele gritou e recuou apavorado enquanto ela tentava lhe acalmar usando suas vibrações, pois não conseguiria se comunicar e se o fizesse poderia deixar sequelas perturbadoras que seu cérebro não conseguiria processar. O rapaz se acalmou como esperado e ficou observando ela, sendo inundado por uma sensação de gratidão e uma atração que lhe provocava a se aproximar, era uma sintonia tão genuína tal como quando uma flor desabrocha na primavera.

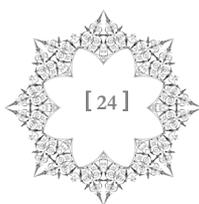
— Quem é você? Um anjo?

Hadele permaneceu cabisbaixa por um momento processando atentamente a forma ainda muito rudimentar como os Terrícolas externalizavam o divino dom de pensar pelo mecanismo da fala. Ela conseguiu comprimir toda sua expressão mental e as ondas vibratórias que eram projetadas desta ação em uma forma densa o suficiente para ser captada e compreendida por aquele espírito que ouviu uma voz feminina, sonoramente cristalina como a nascente da mais alta cascata dos montes da terra lhe responder emocionada:

— Eu sou aquela que entre a luz das estrelas tenho os meus olhos brilhando sobre você.

— Um anjo!

Inevitavelmente Ludovic fora arrastado para a guerra e enquanto resistiu nas trincheiras esteve todas as noites a voltar seus olhos para as estrelas, sua fe e determinação o transformava em uma chama intensa para ser vista de outros mundos no distante espaço. No distante espaço onde habitava o anjo de olhos de fogo!



APRESENTAMOS O CONTO

Uma quinta-feira qualquer

Por Claudio Ventura

Claudio cresceu como fã de filmes e séries, em especial ficção-científica, fantasia e horror. Aos 10 anos, começou a escrever pequenos contos e relatos. Na adolescência, expandiu seus contos, os deixando mais complexos. Aos 25 anos parou de escrever, e seguiu carreira profissional em empresas multinacionais. Aos 53 anos decidiu retomar a escrever, incluindo resenhas, crônicas e contos. Agora aos 55, decidiu publicar sua obra.



O ano era 1971. Morávamos em uma pequena cidade do interior do estado de Minas Gerais. A rua em que nossa casa ficava era quase deserta, e à noite, além do silêncio, ficava sombria, oculta sob a copa das árvores quase centenárias.

Meus pais haviam crescido ao som somente do rádio, nem cinema conheciam, e queriam que eu acompanhasse sua tradição. Após muita insistência minha, haviam comprado uma televisão. A TV era pequena, 14 polegadas, imagem em preto e branco, e em nossa cidade afastada no interior somente conseguíamos sintonizar duas redes de televisão. Mas um garoto de 9 anos como eu estava encantado com a nova tecnologia, e todas as noites sintonizava para assistir as séries de faroeste importadas dos Estados Unidos, dubladas em um português com sotaque de cidade grande. Meus pais saíam todas as noites após o jantar para uma caminhada na vizinhança, mas na maioria dos dias eu ficava em casa sozinho assistindo à televisão.

Era uma noite de quinta-feira, enquanto meus pais estavam fora, a energia acabou. As interrupções no fornecimento de energia eram comuns no interior do estado, onde morávamos, em especial em noites de tempestade. Não era o caso. Aguardei por uns 10 minutos o restabelecimento da energia, mas nada. Meus pais também não retornaram. Entediado, acendi uma vela que deixávamos sempre ao alcance na cozinha justamente para essas eventualidades, a levei para a sala, sentei-me em nossa mesa, e liguei o rádio.

A estação em que estava sintonizada tocava música clássica. Comecei a buscar outra estação mais interessante. Ouvia somente estática. Percorri toda a banda de AM e FM, e mesmo quando tentei retornar à estação que o rádio estava sintonizado quando o liguei, somente ouvi estática também. Quando estava prestes a desligá-lo, me deparei com uma estação que era transmitida em uma língua estranha a mim, mas que me deixou intrigado. A cada cerca de 20 segundos, percebi que a mensagem se repetia. Apesar de não compreender seu significado, peguei meu caderno de caligrafia e comecei a anotar as palavras da maneira que eu ouvia.

Actum inocem aquivo zerequi buru calosto caverum.

Qualimpe terico pasacomete valara casumbi quinocio

Orossim peloqui vera galope simpu nati

A energia retorna, assim como meus pais. Ainda nervoso, chamo meu pai e lhe conto o ocorrido. Ele me diz que tudo havia sido minha imaginação, provavelmente influenciado por *esse aparelho*, apontando para a TV. Insisto para ligarmos novamente o rádio para que eu pudesse provar que estava errado. A primeira coisa que escutamos é justamente música clássica, exatamente na estação onde o rádio estava sintonizado antes de eu ligá-lo aquela noite. Percorremos as bandas de AM e FM, e tudo havia retornado à normalidade.

Meu pai, muito rígido e conservador, já me antecipa que eu ficaria de castigo por um longo tempo, especialmente sem poder assistir à televisão. Eu lhe digo que anotei a mensagem que eu havia ouvido, mesmo que numa língua estrangeira a mim desconhecida. Ele me desafia então a lê-la.

Criaturas das trevas, encarnem nesses seres inferiores

O reino das trevas retornará justamente na época mais sagrada, a Quaresma

Você é o escolhido do Senhor das Trevas

Quando acabei de ler, não consegui acreditar nas palavras que tinham recém saído de minha boca. Eu havia tentado ler as palavras exatamente como as havia escutado, naquela língua estranha, mas o som que saiu de minha boca foi automaticamente traduzido para português.

Meus pais fecharam os olhos por uns 10 segundos. Quando os abriram, suas íris haviam se transformado em um vermelho cintilante, e suas pupilas extremamente dilatadas num amarelo fluorescente. Seus olhares não conseguiam se fixar em nada, e em seguida olharam para mim, se ajoelhando. Fui tomado por um sentimento de confiança que nunca me lembrava de ter sentido antes ao longo de minha infância sob a rigidez de meu pai.

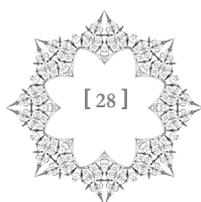
O rádio subitamente liga sozinho, em alto volume. Primeiro estática. Em seguida ouço:

Veritum senoti barala cavelumba

Selapa columé ceranta adi

Zuvi bril ninvo lacim

Prefiro não repetir em voz alta. Mas desafio o leitor a sintonizar um rádio antigo daqueles de pilha à meia noite em uma quinta-feira qualquer. Até lá.



APRESENTAMOS O CONTO

Não olhe para trás

Por Daniela Strassburger

Daniela Strassburger é licenciada em Letras (Português e Literatura) e pós-graduada em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional. Atua como professora e revisora de textos acadêmicos, além de manter uma forte conexão com a escrita criativa. Com experiência em teatro e produção de conteúdo literário, já teve textos publicados tanto na internet quanto em coletâneas físicas. Apaixonada por literatura, acredita no poder das palavras para transformar realidades e criar novas perspectivas.



— Oi!

— Oi... O que você está fazendo aí embaixo?

"Você que é um inútil! Um imprestável! Ao invés de trabalhar, só pensa em beber e fumar essas pedras o dia inteiro!"

— Estão brigando outra vez...

"Ah, cala essa boca! Não me encha o saco!"

"Eu?! Encher o teu saco?!"

— Vem. Vamos brincar lá no seu quarto. Não fica triste por isso... Tudo vai passar.

— Eu não gosto quando eles brigam...

— Eu sei. Por isso estou aqui. (Sorri).

"Se você os amasse, procuraria um emprego, ao invés de passar os dias dentro de casa "se coçando" e gastando o que a gente NÃO TEM com aquelas porcarias!"

— Como foi que você veio?

— Você me chamou. Lembra?

— Por que o papai é assim?

— Você tem medo dele?

— Sim...

"Ah, você só me incomoda! Eu tô ficando louco, já! Tô loucão! Já disse... Cala essa boca..."

"Quer saber? As tuas ameaças já não me assustam! Quer bater em mim? Pode bater! Mas amanhã mesmo vou juntar os meus trapos e os das crianças e vamos pra casa da minha mãe!"

— Papai está ficando cada vez mais bravo... Eu sinto...

— É... E a sua mãe também...

— É melhor eu ir pra cama, antes que eles vejam que estou acordada.

— Essa é uma ótima ideia.

— Você vem também?

— Não vou sair do seu lado.

"Ah, não tem medo, é? Então espera aí!"

"O que você vai fazer?! Victor?! O que você vai fa..."

(Click).

"Não!!!"

"Quer ir pra casa da sua mãe, né?!"

(Clack).

"Não! Eu não falei sério aquilo! Victor, por favor! Victor! São nossos filhos! Não! Victorr!!!"

(Disparos).

— Ai! Ai! Que dor na minha barriginha... Eu quero a minha mamãe...

"Seu desgraçado!!! Por que você fez isso?!?"

— Shhh... (Cafuné. Outro cafuné...) - Já, já vai passar. Aqui. Segura a minha mão.

"Pra você aprender como eu me sinto quando você diz que vai se separar de mim!"

— Pra onde estamos indo?

— Não olhe para trás...

— Olha! Meus irmãos! Oi, gente! Aqui!! (Acena).

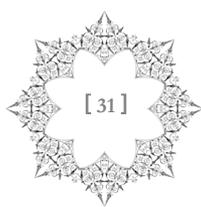
"Seu monstro!!! Meus filhos... (chora) Você vai pro inferno, Victor!!!"

"Não, meu amor... NÓS vamos pro inferno.

Tiro.

Tiro.

(Às memórias que insistem em viver depois do fim)



APRESENTAMOS O POEMA

Teiú Açú - Aimberê

Por Flavio Joppert

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Aquele homem
corria atrás de mim

quem era ele?
o que queria?

Um dia me pegou,
dei-lhe uma dentada
quase lhe arranquei
o dedão

O tempo passou
o sol sobre a areia
Espelho de Tupã
me vejo tal qual
cara de cobra
com patas

O espelho me diz
verdades...
... presentes do passado

Viu filha? Não tem
mais homem algum
correndo atrás de ti

O veado que gostava
de você está morrendo.

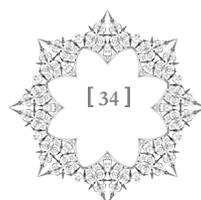
Até hoje fui
escrava dele

Amanhã serei
sua rainha

Quem sabe?

O sopro de vida
seja um delicioso
beijo de amor

(...)



APRESENTAMOS O POEMA

O portal misterioso

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



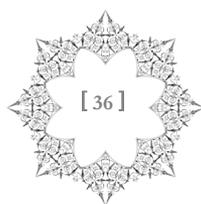
No silêncio da noite, há um portal oculto,
desconhecido, muito sombrio, o guardião...
Onde o mistério sussurra os seus lamentos
e o medo total envolve o nosso coração.

Além dessa porta há um véu de incerteza,
onde sombras dançam em eterna união.
O perigo sombrio com sutileza espreita,
pronto para capturar nossa imaginação.

O vento murmura segredos esquecidos,
histórias de almas que ousaram passar...
Destinos perdidos nos ecos dos tempos,
num mundo que nunca se pode voltar.

A coragem é sempre testada a cada passo,
com o sussurro do escuro tão provocante.
O que jaz além é um espaço vasto e vazio,
onde sonhos e pesadelos vão se encontrar.

Mas será que o fim é tão assustador assim...
Ou é apenas o desconhecido a nos guiar?
Pois, em cada mistério, há um novo sabor:
A vida e morte que vem para nos desafiar.



APRESENTAMOS O CONTO

Para além da chuva de outono

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Cinza no Céu", "Vozes e Ecos" etc. Participou de trezentas e sessenta e seis antologias. Contato: rschima@bol.com.br



Havia o vento.

Havia o outono.

Havia a folhagem.

Era um cemitério modesto de uma cidade minúscula em um mundo indiferente.

Ao chegar, Dair foi saudado por uma chuva de folhas secas que, em virtude da estação do ano, desprendiam-se facilmente dos galhos à mercê do vento. Havia uma metáfora qualquer naquela cena; envolvia a passagem do tempo, a efemeridade da vida, a melancolia e a solidão. Captou as emoções através de um olhar distante, sem traduzi-las em palavras. Melhor seria dizer que foi o contrário: aquilo que o magoava por dentro foi trazido à tona pelas árvores, pela ventania, pelas nuvens cinzentas, pelas milhares de folhas pequenas e amareladas que se arrastavam no chão poeirento em ruídos ásperos.

O outono tinha esse poder... Maldito outono!

Conforme fazia todos os fins de semana havia cerca de um ano, percorreu a trilha de pedra britada, agora familiar, até o túmulo. Os sapatos produziam sons de algo sendo triturado, como uma criança remelenta a mastigar um punhado de balas: *croc, croc, croc...* Malditas crianças!

Engoliu em seco, respirou fundo e encarou a lápide.

— Boa tarde, amor.

A imagem do retrato era a sua favorita: linda, sorridente, radiante, feliz. Fora ele quem batera a foto. Era para ele que ela olhava através do abismo. Recordava-se do momento congelado no tempo, quando a pedira em casamento.

Suspirou.

Deixou o desespero transfigurado em raiva se diluir à medida em que, cumprindo aquilo que se tornara rotina, agachou-se junto à estrutura de concreto e começou a retirar os restos de flores mortas. Recolheu as folhas secas espalhadas por cima e ao redor. Arrancou os persistentes brotos de erva daninha aos pés da sepultura. E, apanhando a escova de roupa que trazia consigo, usou-a para varrer a poeira de cima da laje. Depois, com uma flanela, limpou a placa de metal onde se lia o nome da falecida: "Eliene..."

— Pronto, querida, está limpinho.

Era uma voz vazia, um eco longínquo. Toda a sua angústia consumira-o por dentro nos primeiros dias após a tragédia, quando um motorista bêbado — uma porcaria inútil de filhinho de papai — ultrapassara o sinal vermelho e atropelara Eliene na calçada em frente de casa. A tarde ensolarada daquele domingo prometera tudo para encerrar o fim de

semana de maneira tranquila. Ela mentira. Quanto ao desgraçado, filho de um político influente, tudo terminara num puxão de orelha.

Até a próxima tragédia.

Até a próxima corrupção.

Até a próxima impunidade.

Dair implorara para que, da vez seguinte, o porcaria, em vez de matar, percesse lentamente, preso entre as ferragens de tal maneira que dinheiro algum pudesse livrá-lo. Quisera ser ele próprio o agente do desastre. Imaginara um milhão de modos de fazê-lo sangrar, até chegar num ponto em que a intensidade de seu ódio se nivelara à imensidão do vazio deixado pela perda. Chorara, chorara e chorara. Nada restara. E o nada tornara-se tão vasto quanto o vácuo entre os astros.

Desde então, Dair perdera a vontade de tudo, pois seu tudo fora irremediavelmente perdido. Que frases feitas poderiam encorajá-lo?

"Seja forte!"

"Virou estrela."

"A vida continua."

"Foi a vontade de Deus."

"Você conhecerá outra mulher."

"Se precisar de ajuda, procure-me."

"Você conhecerá outra mulher"... Haveria coisa mais estúpida a se dizer em tal situação? Ao menos as pessoas mais próximas — e que melhor conheciam Dair e Eliene — tiveram a sensatez de permanecer caladas. A quietude de um abraço verdadeiramente amigo significara mais do que qualquer discurso eloquente desprovido de conteúdo.

A poeira baixara. Amigos, parentes, colegas e vizinhos, cumpridas as formalidades sociais, tocaram suas rotinas diárias para frente.

Dair, por seu turno e ancorado a sua dor, deixara de se cuidar, alimentava-se vez ou outra, mal dormia. Para não ter que demiti-lo, seu patrão — uma exceção benevolente — antecipara-lhe as férias. Dair não agradecera, pois sequer comparecia mais ao serviço e tampouco se importava. Um colega fora avisá-lo em casa e surpreendera-se com o que encontrara: Dair se assemelhava a um fantasma. Emagrecera assustadoramente e a pele adquirira uma tonalidade pálida, trajes amarrotados, largos e imundos. O homem definhava a olhos vistos, mas insistia em ir religiosamente ao cemitério.

Agora, colocou um buquê novo no vaso.

— Desta vez são lírios — falou.

E pensar que ele nunca tivera por hábito dar flores a Eliene.

Fungou.

O vento trouxe mais folhas secas.

Dair pestanejou.

Observou as lápides a sua volta, o morro mais abaixo, as árvores, o céu nebuloso, alguns pássaros a voar. Havia promessa de chuva para a madrugada. Apalpou o peito. Inspirou fundo. Tornou a mirar o retrato de Eliene.

— Não falta muito, amor. Foi difícil chegar até este ponto. Breve, estaremos reunidos outra vez.

Então, uma rajada de vento mais forte fustigou seus cabelos e gelou seu rosto. Mais presentiu do que ouviu:

Não!

Sobressaltou-se. Podia jurar que era a voz da falecida. Olhou para todas as direções, mas não havia viva alma nas proximidades. Procurou se convencer de que não passara de delírio. Provavelmente, um sintoma decorrente da fraqueza. Não se dizia que os enfermos viam ou ouviam coisas quanto mais a morte deles se aproximava? Se assim for, que fosse bem-vinda, assim como a paz subsequente a qual a vida lhe negara.

Não faça isso, Darinho.

Não, não estava imaginando! Foi tomado por um calafrio cuja origem não se confundiu com a friagem de outono.

Uma nova chuva de folhas secas veio trazida pelo vento.

"Darinho"... Somente Eliene tratava-o assim.

Ainda relutando, perguntou-se se a inanição afetara a sua mente. A resposta não tardou:

Se de fato me ama como eu continuo a te amar, viverá. Minha felicidade é vê-lo feliz. Volte a erguer a cabeça para a luz do Sol e do luar! Tenha uma vida plena e radiante. Encontre alguém a quem possa entregar flores, amar e tornar a sorrir. Sim, entendeu-me

corretamente: conheça outra mulher. Sendo feliz, feliz também continuarei a ser e amarei essa pessoa por ela amá-lo. Expulse a angústia de seu coração. Meu tempo findou precocemente. Não foi intenção de nada e nem de ninguém, sequer daquele motorista que, por sua vez, vive o seu próprio inferno. Ah, Darinho, liberto-o dos grilhões do sofrimento, do peso da dor e da sombra da saudade. Sempre o amarei. No devido tempo, você compreenderá — como, agora, penso entender — que esse sentimento é mais amplo, fluido e perene do que sonhávamos. Viva, Darinho, viva!

O vento retornou, soprou por entre os cabelos do viúvo, fazendo-o recordar a maneira como Eliene os acariciava. Quase pôde sentir o perfume dela. A mulher... De algum modo, estava ali. Como? Por quê?

O que restou de meu corpo é apenas uma casca vazia. Eu vivo em você: nos sonhos à noite, no sangue em suas veias, no ar que respira. Não precisa vir mais aqui. Bem, talvez de vez em quando... Mas existe um mundo imenso lá fora. Abrace-o e eu o abraçarei de volta. Ah, uma última coisa: não amaldiçoe o outono e nem as crianças. Sem o primeiro, não há passado. Sem o segundo, inexistente o futuro. Estou no seu ontem e estarei em seu amanhã. Adeus, meu querido amor.

Um redemoinho súbito apareceu e aspirou as folhas mortas do túmulo de Eliene.

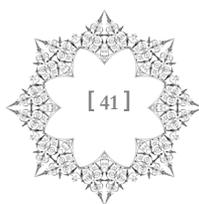
Ao se levantar no fim daquela tarde de outono, Dair se descobriu mais leve. Não que a dor, a saudade, o vazio e a tristeza não mais existissem. Continuavam exatamente no mesmo lugar. Contudo, o amor ganhou uma nova dimensão. A exemplo da força da maré, avançou, cobriu e absorveu as demais sensações, sepultando-as sob toneladas de água. Pareceu estranho associar leveza ao peso, mas foi assim que se sentiu. Eliene existia em outro lugar e, sobretudo, dentro de si. E era tudo o que precisava saber.

— Eu continuo te amando, Eliene, e sempre amarei.

Assim dizendo, retomou o caminho do cemitério, atravessou a persistente chuva de folhas e foi recebido pelo vasto e novo mundo lá fora.

NOTA DO AUTOR: Conto publicado originalmente na antologia "Eu Continuo Te Amando" (The Four Editora, 2023), organizada por Patrícia D'Oliveira, Rosely Budim e Wellington Budim.

<https://www.thefoureditora.com/>



APRESENTAMOS O POEMA

Além das notícias

Por Sellma Luanny

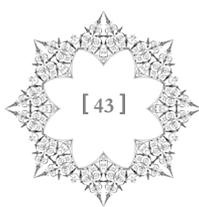
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Tenta-se mais uma vez...
após inúmeras vezes...
e nada... sem ser atendido
o telefone toca... e silêncio.

O que pensar? Num
turbilhão, a mente...
A pulsar mais forte
o coração. Mas nada!

Distâncias nestes tempos...
tão falíveis! Muito se espera...
e nada se consegue...
Além da compreensão.



APRESENTAMOS O POEMA

Imitações Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



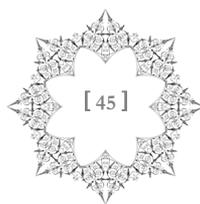
Agora há pouco, enganada.
Uma perfeita esfera...
a lua. Pareceu-me.
Mas não!... imitação.

Um cintilante floco de nuvem
acima da "nuvem-mãe",
pelos raios solares que
o horizonte rompiam, iluminado.

E em menos de um minuto,
como se fora uma ilusão,
se desfez... como tantas
outras criativas imitações.

Figuras bidimensionais
que a razão, fazem por
enganar... E nossas mentes,
como se originais, as veem.

Mas a vera lua, pelos céus a vagar,
não se distorce, não se colore, nem
se impõe... deslumbra quando
pode e a quem a sorte beijar.



APRESENTAMOS O POEMA

Barreira opaca

Por Sellma Luanny

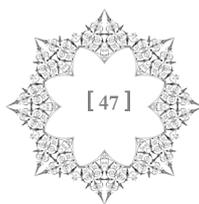
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



O opaco que é barreira
do que não se sabe...
do que não se vê... do além.
Só se imagina, nada mais.

Tranquilidade aparente...
não medível, sem definição.
Mas lá, coisas acontecem...
E invisível... não impede vida.

Para mim... deste lado
da opaca barreira... do impuro
ar... a beleza da transparência
perdeu-se... além, mistério.



APRESENTAMOS O POEMA

Aventurar-se... imaginação

Por Sellma Luanny

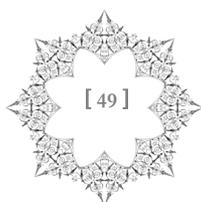
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Pelo espaço afora
aventurar e seguir...
para longe rumar...
quisera eu também.

Desvendar mistérios...
saber e sentir... lá...
onde ninguém chegou...
e imagens, falhas.

Distâncias imensas.
maravilhas... fatalidades...
ignorância. E a chamar,
o sombrio... no além.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**